

# Universidade, lugar de encontro e de esperança. Um diálogo com Papa Francisco.

Vera Boing<sup>1</sup>

“Nos demais,  
todo mundo sabe,  
o coração tem moradia certa,  
fica bem aqui no meio do peito,  
mas comigo a anatomia ficou louca,  
sou todo coração”.  
(Vladimir Maiakóvski)

## 1. Introdução

Propomos pensar a relação entre a Universidade e alguns temas que o Papa Francisco levanta como fundamentais para o mundo em que vivemos. Na verdade, a contribuição da proposta anunciada por Jesus para a cultura do universo acadêmico, hoje. As indagações e as possibilidades de encontrar caminhos para a construção de um sentido à vida que pulsa dentro da Universidade, para além dela mesma. As contribuições na realização da proposta que o Papa Francisco nos pede, desde o início de seu Pontificado: com alegria anunciar o amor de Deus revelado na vida de Jesus Cristo.

Sabemos o quanto é desafiador expressar em linguagem o amor de Deus e, não menos, ao mundo acadêmico. Mas, a porta já se encontra aberta pelo Papa Francisco. É por ela que entraremos para aumentar as contribuições de Francisco por um mundo mais participativo e mais humano. Buscaremos, juntos, caminhos na superação da “consciência isolada” que nos fala o Papa, fruto de uma sociedade marcada pela identidade consumista, geradora de experiências individualistas e práticas desumanas de exclusão social e econômica (E.G.2).

## 2. Caminhos abertos

Como ponto de partida, reconhecemos a relação existente entre a nossa realidade e a cultura social-econômica na qual estamos inseridos. Há uma intrínseca presença dessa cultura no modo como vemos e agimos em nossas vidas cotidianas. Vivemos realidades paradoxais. Ao mesmo tempo que nos mobilizamos por grandes tragédias, nos fechamos diante do sofrimento do próximo, rejeitamos nossa responsabilidade diante da violência que o abandono e a pobreza produzem. Somos conduzidos a um desenfreado desejo pelo consumo, que nos arrebatada da trágica realidade do empobrecimento, da exclusão de muitos seres humanos de participarem de uma vida com dignidade. Perdemos a esperança, mas, paradoxalmente, buscamos na fé, amparo de segurança e salvação. Mas, é verdade que podemos encontrar no conhecimento produzido pelas ciências uma honestidade de soluções às condições desumanas que a sociedade produz.

---

<sup>1</sup> Teóloga, professora do departamento de Teologia, setor Cultura Religiosa da PUC-Rio.

Buscar uma aproximação com a prática de Jesus ajuda a fazer a relação que desejamos entre a vida da universidade e os temas atuais defendidos pelo Papa Francisco, onde muitas vidas se entrelaçam e tecem um horizonte de perspectivas e sentidos. Jesus enfrentou conflitos e provocou mudanças, anunciando a possibilidade de novos horizontes. Reconhecido entre as pessoas pelas ações de bondade que transformava e inaugurava vida nova a todos que o procuraram e conviveram com ele. Pelas parábolas, pelas curas e pela convivência, revelou um caminho de escolhas e atitudes definitivas, que levaram a configurar a prática do Reino de Deus com a prática de superação de toda forma de opressão<sup>2</sup>. Uma utopia, porque de imediato não transforma a realidade do pobre, mas lhe oferece a possibilidade de reconhecer-se como ser capaz de mudar sua realidade.

Quis, com essa atitude, afirmar a presença de Deus entre as pessoas sem lugar na sociedade, sem reconhecimento, desfigurados pelo abandono. Enfim, pela falta de suas identidades como seres humanos. A isso, hoje, denominamos a falta de dignidade de vida. E, é nessa defesa, pela justiça e pela dignidade da vida, que o Papa Francisco assumiu sua missão de pastor da Igreja. Em seus pronunciamentos lembra, sempre, que Deus se colocou junto com os pobres, os doentes, as mulheres, os órfãos. Convida-nos a um encontro com esse Deus justo e amoroso, na pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Mostra a esperança de uma nova condição humana, onde a justiça será realidade alcançada. Essa é nossa esperança.

Alguns passos já foram dados na busca da realização do diálogo com o mundo atual. O Concílio Vaticano II, ocorrido em meados do século XX, nos ofereceu a entrada dessa porta. Sabemos que é essa porta que o Papa deseja manter aberta. Mas, toda caminhada tem suas dificuldades, principalmente quando se pretende uma transformação na forma de agir. Essa mudança, proposta pelo Concílio, enfrentou resistências diante dos conflitos internos à própria Igreja e externos, em relação ao mundo. Na verdade, o conflito externo é considerado pelo teólogo Jon Sobrino, como um dos mais importantes para a sobrevivência da Igreja, onde se dá o confronto com o Evangelho, quando se busca a fidelidade ao projeto que Jesus anunciou, o Reino de Deus, o reino de justiça. Aí a Igreja pode sofrer difamação e perseguição por aqueles que não desejam a mudança. O Concílio Vaticano II propôs reconhecer os sinais dos tempos, as mudanças que a sociedade trazia num mundo pós-guerra. Parece a nós que a realidade do Vaticano II ainda é bastante atual. Parece-nos que pouca coisa mudou. Como foi para o Vaticano II, a Igreja continua vivendo o dilema da fidelidade. Sabemos o quanto isso se fez presente na história da Igreja, mas é no contexto atual que o maior desafio se apresenta, o de anunciar o Reino diante das vítimas que as grandes guerras e a revolução tecnológica geraram, uma massa de excluídos. O Papa Francisco, hoje, no século XXI, é a voz que nos lembra o projeto que o Concílio propôs de ser Igreja no mundo. A sua proposta está clara e bem definida nas encíclicas *Evangelii Gaudium* (A Alegria do Evangelho) e *Laudato Si* (Louvado Sejas), onde desenvolve os

---

<sup>2</sup> Moltmann, 1997: 14-22.

temas que exigem a atenção do mundo globalizado. Ambas têm como chave de leitura o alerta sobre a desumanização que o modelo econômico produz e o papel que todos, cristãos e não cristãos, devemos desempenhar diante dessa condição histórica.

Poderíamos, então, olhar para a história como um termômetro em relação à autenticidade do amor de Deus, pois é a partir dele que podemos auferir a fidelidade desse amor nas relações humanas. É no mundo que Jesus faz o encontro com os mais pobres, doentes, com o sofrimento humano. “É a bondade e não a religião a força que pode transformar o mundo”<sup>3</sup>. Poderíamos lembrar o que nos fala o Papa Francisco sobre os riscos de a religião representar o consumo de uma vida tranquila e de paz, tudo que a sociedade oferece como produto de felicidade. Precisamos superar o mal de uma consciência individualista, marcada por desejos superficiais e egoístas (E.G. 2).

Nessa perspectiva, queremos falar da contribuição que Universidade pode oferecer como lugar privilegiado de formação e de produção de conhecimento. Um lugar de encontros, de construção de laços com a realidade, que clama por respostas aos grandes desafios de sobrevivência, tanto no campo econômico como no da moral, pois a pobreza que gera a má distribuição da renda produz a desumanização da exclusão. E sabemos a violência que a falta da justiça e da liberdade gera na sociedade. Esses pobres, sem rosto, sem identidade, são hoje, as vítimas que a sociedade rejeita no pior dos sentimentos, que o Papa Francisco chama de “indiferença global”. Por isso, torna-se prioridade, no seu pontificado, o convite que faz a todos, sem exceção, pela remoção das injustiças, resultados de um modelo econômico desintegrado e descompromissado com a vida humana.

### **3. Caminhos que se cruzam, a nossa esperança**

A sociedade, ainda hoje, apresenta muitos desafios, não tão diferentes de outras épocas históricas, mas bem próximos ao contexto em que nasceu o Concílio Vaticano II e que o Papa viveu bem de perto. O Papa Francisco, mais do que dar continuidade às definições do Concílio, nos aponta a necessidade da constante conversão, da coragem, da criatividade em assumir a práxis do amor, núcleo central do cristianismo. “Sair da própria comodidade e de ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do evangelho” (EG 20).

O Papa Francisco, desde sua posse, tem suscitado admiração e empolgação com a ardor com que fala do amor de Deus e com a coragem em denunciar as grandes injustiças que impedem esse amor de se expandir e crescer entre homens e mulheres. Não perde a esperança por um mundo melhor, mais humano, onde o outro possa ser reconhecido na sua condição de ser humano. Por isso, podemos vê-lo em todos os lugares em que há ausência de vida, ou, melhor dizendo, onde há fertilidade para se produzir a vida. Assim, dialogou em defesa dos migrantes, junto aos refugiados, com os movimentos sociais, com os homossexuais, com a

---

<sup>3</sup> Castillo, 2014: 71.

população de rua, Universidade e em outros segmentos geradores de vida. E, na Universidade, de modo especial, lembrou da desilusão desse contexto histórico que o mundo global vive. Falou, principalmente, da esperança na formação do universitário. O tema de sua aula Magna se tratava do “Encontro com o mundo da cultura” (Pontifícia Faculdade Teológica da Sardenha, Cagliari. Domingo, 22 de setembro de 2013).

Nessa contagiante empolgação, buscamos fortalecer as possibilidades de expansão desse encontro humano entre as pessoas, pela produção de conhecimento, próprio da condição da universidade, como da formação que, aliada à produção acadêmica, pode transformar a visão de mundo, contribuindo a viver um novo estilo de vida, de serviço aos desfavorecidos (E.G. 80, 82). O diálogo é uma condição à superação dos desafios atuais. Reconhecer as ciências humanas e tecnológicas como aliadas e não inimigas. Capazes de produzirem novas expressões, novas linguagens que revelem o amor concreto de Deus, acessíveis às exigências de uma sociedade marcada pelo excesso da liberdade de decisões e de plena consciência de direitos conquistados. Colocar-se a serviço de um saber que se disponha à defesa de um mundo melhor, mais justo e harmônico. Uma atitude tomada pelo Papa Francisco, de colocar a Igreja a caminho, em saída, de chegar às periferias do limite do sofrimento humano (E.G. 20).

Um dos temas bastante abordado pelo Papa é a ideia do encontro com o outro. O ser humano, ao sair de si em direção ao outro, consciente ou não, produz uma sobrevivência necessária, a da convivência. Na relação com o outro experimenta o sabor da liberdade e do crescimento. Descobre, na relação desse encontro, a capacidade de amar, mas também de rejeitar. As experiências vivenciadas podem conduzir a um coração aberto, mas, também, a um coração egoísta, frio insensível ao sofrimento alheio. O Papa Francisco diz que precisamos superar a visão reducionista que a sociedade de consumo nos coloca, um mundanismo, inclusive espiritual. É na relação com o outro que temos a oportunidade de enfrentar esse desafio e construir experiências que promovam “caravana solidária”, uma “fraternidade mística”. Devemos correr o risco, continua, “do encontro com o rosto do outro” (E.G. 87-88). Só assim temos a chance de superação da “consciência isolada” (E.G. 2), marcada por um profundo individualismo que nos impede de descobrir, no desejo pelo outro, a nossa humanidade.

Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres, não se ouve a voz de Deus, não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem (E.G. 2).

Assim, como aconteceu com aqueles que no encontro com a humanidade de Jesus, que experimentaram uma radical mudança de vida, podemos cruzar nossos caminhos, ofertando, na superação dos obstáculos que Jesus realiza, o sentido da felicidade de um autêntico encontro. Vislumbra-se, na convivência libertadora oferecida por Jesus, o novo sentido dado à vida de cada um dos que experimentaram a alegria da libertação. Podemos, então, na construção de uma felicidade humana, viver nossa humanidade dirigindo-nos aos mais pobres, aos que sofrem, a todos que experimentam a dor da exclusão e do abandono.

Experimentamos, hoje, uma realidade em que muitas esperanças são oferecidas como uma falsa felicidade, assegurada em bens materiais, que distanciam e transformam as pessoas em mercadorias de consumo. Entre os muros da Universidade, corremos o risco do distanciamento, da indiferença, da vaidade do acesso ao poder do conhecimento. Nessa lógica, as relações são pautadas pela utilidade, onde a gratuidade e a solidariedade são asfixiadas e desprezadas. O Papa Francisco, profeta, como vem sendo reconhecido, denuncia a perversidade desse modelo de sociedade que exclui e descarta vidas, vítimas de um mundo sem esperança. Vítimas da falta da liberdade e do confinamento de um modelo social, excludente da cultura do bem-estar.

A solidariedade, apresentada na modernidade como essencial para a convivência humana, é, hoje, um dos maiores desafios que precisam ser enfrentados. A condição da alteridade se estendeu, de forma mais consciente, a direitos conquistados. Um deles, a necessidade de uma relação solidária integrada com o cosmo. Somos convidados a participar da criação, com a responsabilidade de preservação e de integração com todas as criaturas. O Papa nos alerta na Encíclica *Laudato Si* a necessidade do diálogo na defesa da “casa comum”. A necessidade, diz, de uma “nova solidariedade universal... Todos podemos colaborar, no cuidado da criação, cada um a partir da sua cultura, experiência, iniciativas e capacidades” (L.S. 14). Dessa forma, uma nova perspectiva é lançada: o cuidado com o planeta, já esgotado em recursos, por relações utilitárias, que transformaram a natureza em mercadoria de exploração econômica. O problema se apresenta desde que o ser humano submeteu a natureza à sua dominação, destruindo-a e manipulando-a em função dos interesses econômicos. O papa levanta a voz em defesa da vida plena, do ser humano que, com humildade, deve se enxergar integrado, por isso responsável, a todo o cosmo, que grita por salvação. Um desafio apresentado pelo século XXI e que deve ser enfrentado com o auxílio de outras ciências que contribuem na compreensão dessa complexa realidade ecológica.

Caberia, agora, reconduzir com o olhar aguçado, para o âmbito da Universidade e, a partir do que foi exposto, nos propor a tecer os pontos que podem cruzar o universo acadêmico, com suas diferentes produções e com grande diversidade cultural, com as bandeiras que o Papa Francisco levanta nesse momento de nossa história. Podemos, no exercício dessa tarefa, reconhecer que o ser humano, hoje, é uma chave desse processo de luta travada pelo Papa. A garantia de sua sobrevivência, mas com dignidade e direitos na sua existência, que lhes garantam o reconhecimento de sua plena condição de sujeito. Nessa condição temos, portanto, o mútuo reconhecimento de nossa existência, que na relação com o outro, desperta uma recíproca responsabilidade de convivência, que nos lança para além de nossos limites, possibilitando a construção de nossa humanização, como conclui o teólogo Roberlei Panasiewicz<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> PANASIEWICZ, 2011.

E isso é urgente. “Se essas reivindicações não forem interpretadas, nem pela força poderão ser silenciadas” (E.G. 74). Uma exigência para a Paz. Em que a universidade contribui nessa realidade? Arriscaria dizer, na produção de um novo pensamento, que coloque esse sujeito em relação integrada com as dimensões de sua existência: conhecimento, arte, técnica, sexualidade, corpo, que, de forma integrada em todas suas dimensões, possa desenvolver a capacidade de sua humanização. Descobrir-se capaz de ser, cada vez mais, humano.

#### 4. Conclusão

Precisamos descobrir que no seio de todos os lugares encontramos, misturado às situações do cotidiano, o amor que brota de um coração maior, que nos transcende em nossa finitude e, que chega a ocupar por inteiro o corpo onde mora nossa existência. A Universidade, como um lugar de muitas vidas, tem a tarefa de favorecer encontros que promovam a solidariedade, laço fundamental na construção de uma sociedade de paz. Fomentar a responsabilidade com o outro, a tolerância pelo respeito às diferenças. Que nenhuma diferença seja razão de confronto, mas de construção e respeito. A Universidade tem a missão de gerar a “solidariedade como modo de fazer história, como âmbito vital no qual os conflitos, as tensões, até os opostos alcançam uma harmonia que gera vida”.<sup>5</sup>

Reconhecemos a Universidade como lugar de diálogos entre grupos de diferentes identidades. Já fruto de algumas conquistas, vem se tornando palco de denúncias e lutas pela garantia de mais igualdade de direitos. A comunicação entre as diferentes áreas de conhecimento contribui nessas conquistas, na construção da esperança de nos humanizar, de construir linguagens de amor. De viver nossa liberdade na participação por um mundo mais justo.

O Papa nos indaga, como Igreja, a quem devemos privilegiar? (E.G.48). A mesma indagação podemos fazer em relação à vida da Universidade. A quem privilegiar na socialização de nosso saber, de nosso conhecimento acadêmico? Àqueles que, sem acesso a esse saber, permanecem à margem da vida plena e digna.

Gostaria de terminar, em homenagem a um grande sociólogo que nos deixa um legado para compreender o século XX, Zygmunt Bauman, falecido no final do ano de 2016, que em um dos seus últimos livros<sup>6</sup>, cita o discurso do papa Francisco em Lampedusa, diante da morte de milhares migrantes. Também Bauman, testemunha o que defendemos, a interlocução entre as diferentes áreas de conhecimento.

O papa Francisco nos convoca a ‘remover a parte de Herodes que se oculta em nossos corações. Peçamos ao Senhor a graça de chorar sobre nossa indiferença, chorar sobre a crueldade do mundo, de nossos próprios corações e dos de todos aqueles que, no anonimato, tomam decisões sociais e econômicas que abrem as portas a situações trágicas

---

<sup>5</sup> Papa Francisco, 2013.

<sup>6</sup> Bauman, 2017.

como esta'. Tendo dito isso, pergunta ele: 'Alguém chorou? No dia de hoje, alguém chorou em nosso mundo?'<sup>7</sup>

### Questões:

- Como vivenciar a esperança e gerar a felicidade, em articulação com as diferentes áreas de conhecimento acadêmico?
- Quais os maiores desafios que precisam ser enfrentados no interior da comunidade acadêmica e quais os caminhos para essa superação?

### Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTLLO, J. M. **Laicidad del evangelio**. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2014.

PANASIEWICZ, Roberlei. As múltiplas dimensões do ser humano. In BATISTA, Paulo Agostinho N.; SANCHEZ, Lopes Wagner. *Teologia e Sociedade: relações e valores éticos*. Paulinas, SP, 2011.

Papa Francisco. **Homilia em Lampedusa**, Itália, em 09 de julho de 2013.

\_\_\_\_\_. **Encontro com o Mundo da Cultura**. Aula Magna da Pontifícia Faculdade Teológica da Sardenha, Cagliari, em 22 de setembro de 2013.

\_\_\_\_\_. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice. São Paulo: Paulus; Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. **Laudato Si**. Exortação Apostólica do Sumo Pontífice. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

SOBRINO, Jon. **Espiritualidade da libertação**. São Paulo: Loyola, 1992.

---

<sup>7</sup> Idem, ibidem: 26.